



Um olhar para a construção dos currículos escolares para a educação: estudos bibliográficos

A look at the construction of school curricula for education: bibliographic studies

Una mirada a la construcción de currículos escolares para la educación: estudios bibliográficos

Jefferson Luis Brentini da Silva – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" | São Paulo| SP | Brasil | E-mail: brentini.fil@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-4893-9442>

Paula Ramos de Oliveira – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" | São Paulo| SP | Brasil | E-mail: paula-ramos@uol.com.br | <https://orcid.org/0000-0001-9620-5964>

Denis Domeneghetti Badia – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" | São Paulo| SP | Brasil | E-mail: denis@fclar.unesp.br | <https://orcid.org/0000-0002-7640-2917>

Iara Barrios Nogueira da Silva – Centro Universitário UNIFAVENI | São Paulo| SP | Brasil | E-mail: ibns21@hotmail.com

Resumo: O artigo tem como objetivo apresentar os fundamentos teóricos que levaram ao estímulo e à formatação dos currículos escolares. Para isso, é preciso apresentar os preâmbulos do currículo escolar, apontar os aspectos que envolvem o seu desenvolvimento e se o contexto é levado em conta no momento de sua formulação. Para tanto, abordaremos o tema sob o viés qualitativo, empregando como método a bibliográfica. Como resultados, desvelou-se que o processo de elaboração de currículos escolares leva em conta os pressupostos teóricos, os desejos e expectativas das pessoas da sociedade e utiliza de mais de uma corrente pedagógica para isso.

Palavras-chave: Currículos escolares. Teorias curriculares. Desenvolvimento curricular.

Abstract: The article aims to present the theoretical foundations that led to the stimulation and formatting of school curricula. For that, it is necessary to present the preambles of the school curriculum, to point out the aspects that involve its development and if the context is considered at the time of its formulation. For this purpose, we will approach the theme from a qualitative point of view, using the bibliographic method. As a result, it was revealed that the process of preparing school curricula considers the theoretical assumptions, the desires and expectations of people in society and uses more than one pedagogical chain for this.

Keywords: School curricula. Curricular theories. Curricular development.

Resumen: El artículo tiene como objetivo presentar los fundamentos teóricos que llevaron a la estimulación y formateo de los currículos escolares. Para eso, es necesario presentar los preámbulos del currículo escolar, señalar los aspectos que involucran su desarrollo y si se toma en cuenta el contexto al momento de su formulación. Para ello, abordaremos el tema desde un punto de vista cualitativo, utilizando el método bibliográfico. Como resultado, se reveló que el proceso de elaboración de los currículos escolares toma en cuenta los supuestos teóricos, los deseos y expectativas de las personas en la sociedad y utiliza más de una cadena pedagógica para ello.

Palabras clave: Currículos escolares. Teorías curriculares. Desarrollo curricular.

Recebido em 31 de outubro de 2020. Aprovado em 03 de maio 2021.

e-issn: 2177-5788. DOI: <https://doi.org/10.22484/2177-5788.2021v47n1p141-155>

Copyright © 2021. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional da Creative Commons –CC BY-NC-SA –Atribuição Não Comercial –Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devidos créditos à publicação, ao(s) autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.



Introdução

O currículo é tido de extrema relevância no contexto da formação básica, ao passo que é por ele, pela assimilação dos conteúdos, competências e habilidades ali dispostos, que os discentes vão se formar para a sociedade na qual eles vivem na perspectiva de um futuro melhor. A sua pertinência é decorrente do amálgama entre a teoria, tanto do currículo quanto da teoria dos conteúdos ali dispostos e da sua relação com a prática, a fim de proporcionar uma formação de relevância e com significado, a partir da assimilação e fortalecimento das competências e habilidades através da abordagem de determinado conteúdo.

Mas, como os currículos escolares são pensados? Há apenas uma forma de se elaborar os materiais e/ou um viés ideológico imbricado na sua confecção? Os contextos são considerados ao elaborar os currículos ou é algo construído de maneira vertical e impositiva. Nesse sentido, com este compêndio objetiva-se de maneira geral apresentar os fundamentos teóricos que levaram ao estímulo e a formatação dos currículos escolares bem como a sua importância na construção de uma sociedade prospectada por todos que nela compartilham suas vidas. Para tanto, como objetivos específicos pretendeu-se apresentar os preâmbulos do currículo escolar, apontar os aspectos que envolvem o desenvolvimento e expor os fatores e contextos do desenvolvimento escolar.

Para tanto, como caminho metodológico, abordaremos de modo qualitativo a temática empregando como método, a pesquisa bibliográfica. "São várias metodologias de pesquisas que podem adotar uma abordagem qualitativa, modo de dizer que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas." (SEVERINO, 2002, p. 119).

Por conseguinte, Severino (2002, p. 122) expõe que a pesquisa bibliográfica é "aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses e etc.", isto é, utiliza de material já elaborado para se



responder aos incômodos presentes no íntimo do sujeito que almeja responder aos seus questionamentos.

Com isso espera-se confirmar ou não a hipótese de que é preciso que haja o consenso por meio de uma profícua e embasada discussão em todo o processo de elaboração de um currículo a fim de satisfazer os desejos e necessidades perspectivadas pelo coletivo social, independente dos vieses ideológicos presentes no ideário de cada um dos sujeitos envolvidos no processo.

Preâmbulos do Currículo Escolar

A prática escolar que pode se observar num momento histórico tem muito a ver com os usos, as tradições, as técnicas e as perspectivas dominantes em torno da realidade do currículo num sistema educativo determinado. (SACRISTÁN, 2000, p. 19).

Na contemporaneidade, o mundo passa por constantes e profundas transformações que impactam em diversos segmentos, inclusive a área educacional. Assim, para garantir um ensino que forme o cidadão deste período, é preciso que a escola e a educação também acompanhem as mudanças que moldam cotidianamente a sociedade, daí um dos motivos para a formatação de um currículo.

Neste sentido, o currículo é editado visando à formação do indivíduo a partir de inclinações de ordem econômica, política e social, na tentativa de tornar o cidadão apto para atuar de maneira significativa na sociedade. Para tanto, atualmente o currículo é estruturado em disciplinas, áreas do conhecimento e está articulado com o cotidiano sendo, portanto, um instrumento fundamental, basilar no espaço escolar, por sua importância em proporcionar meios para o convívio com as outras pessoas, dentro e fora do espaço escolar.

Assim, é possível definir e compreender o currículo como “algo que adquire forma e significado educativo à medida que sofre uma série de processos de transformação dentro das atividades práticas que o tem mais diretamente por objeto” (SACRISTÁN, 2000, p. 19). Isto é, a sistematização do currículo parte de um conjunto de necessidades e expectativas que nas



configurações sociais, sob seus diversos aspectos, buscam nos sujeitos. Igualmente, é a partir da sistematização de um currículo que é possível determinar quais conhecimentos, competências e habilidades serão ensinadas, a fim de suprir diligências nacionais e internacionais de ordem política, social e econômica.

Para entender como o currículo escolar se desenvolve e como está articulado, é preciso reconhecer que ele é indissociável de seu contexto histórico e social. Por conseguinte, a qualidade do ensino está intimamente relacionada com a sociedade que a escola se articula e com o que é considerado essencial na cultura em que esta escola está inserida.

Quanto às expectativas materializadas no currículo, é possível inferir que a noção de currículo foi moldada historicamente e se desenvolveu de diversas maneiras, através da cultura, tramas políticas e econômicas, valores sociais e modelos escolares, o que permite então dizer que o currículo (re)produz cultura, política, economia e sociedade:

Os estudos sobre o currículo surgiram em meados da década de 1970 nos Estados Unidos e, no Brasil, a partir da década de 1980, com foco principalmente nas abordagens tecnicistas, voltadas para a memorização, a fim de suprimir necessidades mercadológicas. Em decorrência disso e de outros fomentos no âmbito educacional e de pressões políticas externas, em muitos momentos ocorreu, em nosso país, a reprodução de técnicas provenientes de estudos desenvolvidos e implantados em países que hoje são considerados de primeiro mundo, não levando em consideração as especificidades e características que fazem de nosso país único.

A partir da leitura e análise de Carnoy (1974) percebe-se que a transferência educacional que ocorre dos países de primeiro para os de terceiro mundo possibilita o domínio imperialista destes primeiros, submetendo os povos colonizados aos interesses dos colonizadores. Neste sentido, é possível perceber que as políticas educacionais dos países periféricos envolvem, basicamente, a intenção de promover, junto aos mesmos, a concepção americana de uma sociedade eficiente e democrática segundo Carnoy (1974), corroborando para a promoção da ideologia de que



países tidos desenvolvidos devem ajudar no desenvolvimento e no progresso das nações que não são, conotando, assim, que os de outrora colonizados ainda não possuem competência para a sua autonomia.

No Brasil, pode-se dividir o campo de estudos sobre currículo em três períodos: a) 1920 e 1930 foram marcados o início do campo de investigação do currículo no Brasil; b) final da década de 1960 e início 1970, as pesquisas e estudos se intensificaram quando o currículo se tornou matéria de investigação e foi introduzido nas universidades e c) entre 1979 e 1989, quando críticas se tornaram mais proeminentes e os debates mais intensificados, corroborando com novas reelaborações sobre os conceitos do campo do currículo.

A partir de conceitos fundamentados no taylorismo¹, o currículo foi projetado visando o momento histórico, político e econômico dos Estados Unidos: o da formação de trabalhadores escolarizados com conhecimentos básicos e específicos. Deste modo, é possível perceber que “[...] é preciso objetivos, procedimentos e métodos para a obtenção de resultados que possam ser precisamente mensurados” (SILVA, 2011, p. 12).

Neste sentido, os estudos sobre o currículo nos Estados Unidos aparecem articulados com mudanças de ordem econômica, como a industrialização, a urbanização e a ascensão do modelo capitalista; e, nisso, a importância de elaborar instrumentos que mensurem o quanto de conhecimento, competências e habilidades que são envolvidos no processo de aquisição do conhecimento pelo currículo.

Os teóricos que concordam com esta maneira de conceber o currículo, tais como John Franklin Bobbitt (1876 – 1956), Ralph W. Tyler (1902 – 1994), Benjamin Bloom (1913 – 1999) e outros, o projetaram como forma de amoldar “os indivíduos à ordem industrial que se estabeleceu na virada do século nos Estados Unidos e para promover, na nova ordem, consenso, homogeneidade e solidariedade, supostamente características da

¹ Visando a eficácia na produção em série. O currículo voltado para o modelo de trabalho era determinado pelo sistema capitalista, a partir da Segunda Revolução Industrial e tinha como prospecto ser um instrumento de massificação dos trabalhadores.



comunidade rural que desaparecia com rapidez” (MOREIRA, 2011, p. 27), proporcionando uma situação em que os indivíduos tivessem em sua formação, os mesmos conteúdos, competências e habilidades estipuladas para a supressão das necessidades mercadológicas daquele momento.

Esse arquétipo de concepção de currículo, o qual é fundamentado nos modos de produção em massa começou a ser contestado a partir da década de 1960, em meio a grandes mudanças no mundo, como a “[...] independência das antigas colônias europeias; os protestos estudantis na França e em vários outros países; a continuação do movimento de contracultura; o movimento feminista; a liberação sexual; as lutas contra a ditadura militar no Brasil” (SILVA, 2011, p. 29), uma nova acepção de modelo curricular surge. Cabe ressaltar que neste momento no Brasil, inversamente às políticas públicas de educação que ascendiam naquele momento e se voltavam para a formatação de um currículo além do tecnicismo, em meio a uma eufórica mudança política, econômica e ideológica que ocorreu com o golpe militar em 1964, os ideários educacionais voltados para o ensino técnico adquiriram grande força.

Diante disso,

A tendência tecnicista passou a prevalecer, em sintonia com o discurso de eficiência e modernização adotado pelos militares, e diluiu não só a ênfase às necessidades individuais da tendência progressivista, mas também as intenções emancipatórias das orientações críticas, incompatíveis com a doutrina da segurança nacional que passou a orientar as decisões governamentais. (MOREIRA, 2011, p. 71).

Assim, o conceito de eficiência foi, e ainda é muito difundido no campo educacional, decorrente de discursos que se voltam para a carência da capacitação de mão de obra qualificada em uma amplitude generalizada, conforme o período político e econômico requisitava.

Apenas na década de 1980, quando a ditadura militar no Brasil começa a perder a sua hegemonia, diversas áreas de estudo e investigação sobre o currículo ganharam espaço e destaque, o que permitiu que incorresse uma série de discussões e produções científicas neste âmbito com o foco no cenário educacional brasileiro.



Este foi um preâmbulo sobre o currículo e como ele se desenvolveu no contexto nacional e internacional. A seguir serão elencados aspectos referentes ao desenvolvimento curricular e a sua relação com a didática.

Aspectos do desenvolvimento curricular

“O currículo não é um conceito, mas uma construção cultural. Isto é, não se trata de um conceito abstrato que tenha algum tipo de existência fora e previamente à experiência humana. É, antes, um modo de organizar uma série de práticas educativas”. (GRUNDY, 1987, p. 38).

A seguir, o cerne são os aspectos que estão relacionados no processo de elaboração de um currículo e a importância de estreitar a pré-seleção de conteúdos e habilidades com as maneiras de ensiná-los, a didática.

Mas antes é preciso entender o que é uma teoria do desenvolvimento curricular para, então, explorar o currículo. Assim, as teorias de currículo têm como objetivos prospectar o que selecionar e inculcar dos conhecimentos nas pessoas em formação inseridas em determinado contexto político, econômico e social específico, além de propor meios que sejam considerados eficazes para suprir tal demanda. Igualmente, por meio de um currículo estruturado se precisa não apenas o conhecimento que será repassado, adquirido e absorvido, mas também quais as possíveis identidade e perspectivas dos sujeitos em fase de formação escolar. Portanto, é necessário identificar e definir quais ideologias devem estar inculcadas no processo de elaboração do currículo e como são as suas correlações e, ainda, qual a consequência destes valores intrínsecos na constituição do sujeito. Por conseguinte, é preciso explorar as bases ideológicas presentes nas teorias do currículo, podendo ser classificadas em tradicionais, críticas e pós-críticas.

A seguir são descritos os aspectos que fundamentam tais bases ideológicas e suas respectivas características dentro das possibilidades de se elaborar uma proposta curricular.



O currículo e as teorias curriculares

Aqui se pretende expor o que é um currículo e como ele se desenvolve e a sua relação com didática. Com isto, procura-se refletir sobre a imprescindibilidade de perceber a relação do currículo com o contexto da sociedade e com a prática docente, mediada pelo conhecimento do profissional e pelas possibilidades de transmitir e fortalecer os saberes, a didática.

Sobre o desenvolvimento curricular Ribeiro (1990, p. 16) discorre que é um “[...] processo dinâmico e contínuo que engloba diferentes fases, desde a justificação do currículo até a sua avaliação, e passando necessariamente pelos momentos de concepção, elaboração e de implementação”, passando pelas seguintes etapas no processo de sua elaboração: a) justificação e orientação: o porquê do currículo e como atingir o que se pretende com ele; b) concepção e elaboração: análise e discussão dos temas, conteúdos, competências e habilidades priorizadas; c) implementação: como concebê-lo no sistema de ensino que for submetido e d) avaliação: se o currículo tem obtido êxito dentro dos objetivos figurados.

Ainda, a partir da leitura e análise de Pacheco (1996, p. 64) é possível determinar que durante o desenvolvimento curricular, é fundamental que sejam levados em consideração também cinco fatores que são inerentes ao conhecimento e à sociedade: o interpessoal, o político, o empreendimento social, de colaboração e de cooperação; e ao mesmo tempo deve ser projetado como algo intrínseco à prática de tomada de decisões. Devendo ser elaborado através da participação de diversos setores da sociedade, de maneira democrática, o que permite também dizer que há influências do contexto histórico, político, econômico, social e cultural de âmbito nacional e internacional.

Essas relações de poder durante o processo de fundamentação de um currículo acontecem desde o estabelecimento das diretrizes curriculares nacionais até na prática docente, na materialização do currículo na



formação do aluno e é exatamente neste ponto que as teorias curriculares se diferem.

O quadro 1 mostra as principais diferenças entre as correntes teóricas:

Quadro 1 - Teorias que fundamentam currículos

Teorias Tradicionais	Teorias Críticas	Teorias Pós-Críticas
Ensino	Ideologia	Identidade, alteridade, diferença.
Aprendizagem	Reprodução cultural e social	Subjetividade
Avaliação	Poder	Significação e discurso
Metodologia	Classe social	Saber-poder
Didática	Capitalismo	Representação
Organização	Relações sociais de produção	Cultura
Planejamento	Conscientização	Gênero, raça, etnia, sexualidade.
Eficiência	Emancipação e libertação	Multiculturalismo
Objetivos	Currículo oculto	
	Resistência	

Fonte: Adaptado de: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 17

A partir do Quadro 1, se percebem as discrepâncias nos enfoques científicos e técnicos entre as teorias tradicionais, as teorias críticas e as teorias pós-críticas. Como exemplo, as teorias tradicionais, são organizadas dentro daquilo que consideram como a neutralidade de ideologias, enquanto as teorias críticas e pós-críticas se preocupam com as questões de poder sociais e culturais no processo de desenvolvimento curricular. Nas teorias tradicionais, há a forte influência de Bobbitt (1876-1956), sobretudo durante o período de 1920, cuja perspectiva do porquê de um currículo incidia na pertinência de se pensar a escola como uma instituição preocupada com ditames exclusivamente técnicos e científicos.

Para tanto, o currículo era organizado visando à aquisição de habilidades específicas. A prática pedagógica utilizava de métodos essencialmente mecânicos, técnicos e padronizados. Neste cenário cabe ressaltar que Bobbitt (2004, p. 63) equiparava a escola com a indústria: “[...] a educação, tal como a usina de fabricação de aço, é um processo de



“moldagem”. Com isso, passou-se a organizar a escola por critérios relacionados a setores administrativos, aspirando à eficiência e a produção em massa de sujeitos, qualificando-os com a finalidade exclusiva de suprir as necessidades de cunho econômico meio a uma sociedade que adotava o sistema liberal.

Percebe-se essa inclinação gerencial nos modelos curriculares e escolares em outros autores, tal como Tyler (1977, p. 53) postula, ao passo que para este autor “[...] os objetivos devem ser claramente definidos e estabelecidos. Os objetivos devem ser formulados em termos de comportamento explícito”, o que provoca teorias e pesquisas que buscam a automatização, a obediência e a alienação de grande parcela da população, através do fortalecimento do tecnicismo na educação, a princípio sendo empregada no cenário educacional dos Estados Unidos e, posteriormente, em diversos países, como o Brasil.

No cenário internacional, durante a década de 1960, em meio a agitações e transformações que buscavam a dessublimação dos valores morais, como os movimentos *hippies*, frente ao contexto da Guerra Fria e da ascensão dos governos ditatoriais em diversos países do globo, o modelo tradicional passa a ser contestado e passou-se a prospectar outras características que devem ser colocadas em pauta no processo de desenvolvimento de um currículo, daí o surgimento das denominadas teorias críticas.

Enquanto as teorias curriculares tradicionais não se preocupavam com questões de ordem social, forçando a aceitação, o ajuste e a adaptação das pessoas na sociedade, os autores que fazem parte das chamadas teorias críticas responsabilizavam os profissionais da educação por este segmento ter se tornado um mecanismo de reprodução da cultura da classe dominante e que, por isso também, consolidava o modelo calcado na desigualdade e injustiça social, devendo ser reestruturado a fim de suprimir o grande abismo social que existia entre os estratos sociais.

No cenário nacional, durante o decênio de 1980 o desenvolvimento curricular aconteceu na perspectiva de selecionar e sistematizar os saberes



de maneira fragmentada, ilhando as áreas do conhecimento, de tal modo que era impensável para muitos, naquele momento, pensar na transdisciplinaridade e na interdisciplinaridade.

Diante deste posicionamento, houve uma série de debates e pesquisas no âmbito do currículo na tentativa de encontrar alternativas para correspondê-las, em virtude do processo político e econômico que vigorava neste momento: o fim do mundo bipolar e o início da globalização; inculcando que o saber deveria transcender a visão unilateral da realidade, dentro de cada área do conhecimento, pois o mundo e o mercado de trabalho buscavam sujeitos que tivessem uma visão macro e micro das circunstâncias.

Para Silva (2011), o currículo está estritamente relacionado às estruturas econômicas e sociais mais amplas, o que provoca uma intrínseca relação entre o currículo e os fenômenos relacionados à disputa de poder:

A questão básica é a da conexão entre, de um lado, a produção, distribuição e consumo dos recursos materiais, econômicos e, de outro, a produção, distribuição e consumo dos recursos simbólicos como a cultura, o conhecimento, a educação e o currículo. (SILVA, 2011, p. 49).

Freire (1996), a exemplo dos teóricos referentes às teorias críticas, não se limita a posicionar de maneira contrária aos moldes de educação que naquele momento já existia, mas oferece também possibilidades de como ela deve ser. Sua reprovação quanto ao currículo já estabelecido era que ele promovia a educação bancária - modelo que forma as pessoas para uma educação voltada para a supressão das necessidades mercadológicas -, devendo, segundo a ótica de Freire (1996), ser uma educação libertadora, cujo conteúdo programático da educação não deve ser uma imposição, e sim “[...] a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou em forma desestruturada” (SILVA, 2011, p. 61) e, ainda, essa organização, sistematização, seleção e devolução deve ser feita com o educando, a partir da realidade do aluno e dos saberes já inculcado.



Desse modo, quando se pensa na elaboração e concepção de um currículo, este deve estar embasado em, pelo menos, uma delas, sobretudo no que diz respeito aos objetivos e os procedimentos e métodos utilizados para alcançá-los. Na subseção que segue, vamos discutir como essas teorias que fundamentam o desenvolvimento curricular devem ser projetadas pensando nas metodologias didáticas

Fatores e contextos do desenvolvimento curricular

“Não podemos esquecer que o currículo supõe a concretização dos fins sociais e culturais, de socialização, que se atribui à educação escolarizada, ou de ajuda ao desenvolvimento, de estímulo, e cenário do mesmo, o reflexo de um modelo educativo determinado, pelo que necessariamente tem de ser um tema controvertido e ideológico, de difícil concretização num modelo ou proposição simples”. (SACRISTÁN, 2000, p. 15).

A seguir serão abordados os fatores externos e internos que influenciam na produção de um currículo e os posicionamentos de ordem política e administrativas que são engendradas em contextos econômicos, políticos e sociais. É imprescindível, no entanto, predizer que o currículo não é apenas aquilo que está expresso nos conteúdos que ali estão explícitos, mas é também resultado de uma série de outros fatores, como ideologias tradicionais e de resistência, políticas públicas nacionais e internacionais, saberes científicos e culturais, dentre outros que estão direta e indiretamente atrelados à formação do indivíduo e que, por isso, também são necessários de transmitir durante a sua fase escolar.

Ele é sistematizado em conteúdo, competências e habilidades que, a partir do seu processo de elaboração, são estipulados a fim de suprir certas carências na sociedade e que são necessários ao educando frente os desafios que encontra em sua vida. A seguir serão explorados alguns desses elementos, mormente quanto às condições, extrínsecas, intrínsecas e do âmbito gestor, que têm de ser levadas em consideração para o desenvolvimento do currículo.

Os fatores externos atrelados ao processo de construção de um currículo são aqueles que atuam em outras áreas da sociedade e não da educação, isto é, estão fora, diretamente, do contexto da escola, do



processo pedagógico. Cabe ressaltar que a composição deste instrumento que norteia quais os conteúdos e competências deve ser fortalecida é também marcada por outras diversas etapas durante a sua confecção, com o auxílio dos mais diferentes segmentos da sociedade em todas elas, podendo ser abatidos seus objetivos na sala de aula, a partir do processo de ensino/aprendizagem.

Da proposta ao planejamento, incidindo na efetivação do currículo, há diferentes etapas e que, por conseguinte, Sacristán (2000) as circunscreve em oito elementos tidos como imprescindíveis para o desenvolvimento curricular: político-administrativo; subsistema de participação e controle; organização do sistema educativo; sistema de produção de meios; âmbitos de criação culturais e científicos; subsistema técnico-pedagógico; subsistema de inovação e subsistema prático-pedagógico

E, por conseguinte, é a partir da junção destes oito coeficientes que é possível gerar um currículo, conforme leitura e análise de Sacristán (2000). Se as primeiras sugestões de mudanças forem consideradas pertinentes pelo grupo, então novas fases podem ser consideradas:

- 1 - A administração política desenvolve uma base curricular prescritiva, dando margem para autonomia dos demais agentes (gestão escolar, professores etc.).
- 2 - Seguidamente, passa a ser discutido pelas organizações políticas não centrais, associações de pais e mestres e sindicatos.
- 3 - No sistema organizativo escolar, são considerados os programas que já vigoram frente ao que é esperado e os resultados alcançados nos sistemas avaliativos.
- 4 - A partir daí, implanta-se o currículo na escola por meio de materiais didáticos, manuais e apostilas;
- 5 - Estes recursos pedagógicos devem ser organizados em conteúdos escolares e disciplinas.
- 6 - Através da análise dos formadores, especialistas e demais agentes ativos do campo educacional, são oferecidos cursos a fim de



proporcionar uma adequação entre os fatores que dimensionam a organização escolar e a prática docente.

7 - Por fim, professores, sindicatos e associações discutem sobre o processo e a implementação, avaliando se aquilo que foi proposto, discutido e promulgado como currículo, de forma ideal, é eficiente quando este se efetiva, na prática docente.

Outras condições fundamentais para a efetivação do currículo é o sistema de ensino, a organização escolar, a gestão, o planejamento curricular e planejamento docente.

Vale salientar ainda que as influências implícitas não são apenas as demarcadas como currículo oculto: estão impostos também os valores dos atores que formulam o currículo desde a legislação, interesses sociais, políticos e econômicos, valores dos profissionais que participam da organização e gestão curricular e dos docentes que trabalham diretamente com o que é demarcado no currículo.

Considerações finais

Com base no que foi evidenciado até aqui, é possível dizer que o currículo escolar é estruturado com base em diversos autores e correntes pedagógicas. E ainda, por meio de profícuo debate entre os diversos sujeitos da sociedade à qual o currículo em elaboração será implantado a fim de organizar quais os conteúdos, competências e habilidades devem ser prospectadas, desenvolvidas e assimiladas pelos educandos pela prática docente.

Este processo decorre da imprescindibilidade de se construir um material às vistas da supressão das necessidades que os sujeitos e a sociedade carecem para que haja grande impacto na vida e nas mentes das pessoas, tanto na esfera social quanto nas esferas políticas, econômicas e intelectual.

Assim, é permissível dizer que a hipótese que havia antes do aprofundamento dos estudos e que resultaram na elaboração deste material



foram confirmadas e, de fato, ao menos nos últimos anos, a elaboração dos currículos escolares são o resultado de um amalgama entre as expectativas dos diversos sujeitos que compõem a sociedade, os fundamentos teóricos e as correntes pedagógicas, isto é, é o resultado de uma intensa e extensa discussão entre os membros da sociedade a fim de se perspectivar um arquétipo ideal de ser humano a ser formado para o alcance dos atuais objetivos dessa sociedade.

Referências

- BOBBITT, John Franklin. **The curriculum**. Lisboa: Didactica, 2004.
- CARNOY, Martin. **Education as cultural imperialism**. Nova York: Longman, 1974.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GRUNDY, Shirley. **Curriculum: product of práxis**. Londres: The Falmer Press, 1987.
- MOREIRA, Antônio Flávio. **Currículos e programas no Brasil**. Campinas: Papirus, 2011.
- PACHECO, José A. **Currículo: teoria e práxis**. Porto: Porto Editora, 1996.
- RIBEIRO, Antônio C. **Desenvolvimento curricular**. Lisboa: Texto, 1990.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2002.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- TYLER, Ralph W. **Princípios básicos de currículo e ensino**. Porto Alegre: Globo, 1977.